

O Cerne da Questão

Greg. L. Bahnsen

Tradução: Sávio Ornelas Almeida
Revisão: Felipe Sabino A. Neto

Saber e crer

Cristãos são, muitas vezes, chamados de “crentes”, enquanto não-cristãos são denominados “incrédulos”. A própria Escritura fala assim: lemos que crescia mais e mais a multidão de crentes [...] agregados ao Senhor” (At 5.14) e que eles não deveriam ser postos “em jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6.14). Há, claramente, duas classes de pessoas distinguidas por crer ou não. É justo dizer que o que separa cristãos de não-cristãos é uma questão de fé.

Cristãos crêem em certas coisas nas quais não-cristãos não crêem. Cristãos crêem que as declarações de Cristo e os ensinamentos da Bíblia são verdadeiros, mas não-cristãos descrêem deles. Cristãos têm fé em Cristo e confiam em suas promessas; não-cristãos não crêem nele e duvidam de sua palavra. É natural, então, que o evangelho possa ser chamado de “palavra da fé” (Rm 10.8). Tornar-se cristão implica crer de coração que “Deus o ressuscitou [Cristo] dentre os mortos” (Rm 10.9); igualmente, “é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). Exemplos podem ser multiplicados. O que separa cristãos de não-cristãos é uma questão de crença ou fé.

Contudo, em um importante sentido, a diferença entre eles vai além, e precisamos entender isso se pretendemos fazer um trabalho fiel na defesa da fé. O cristão afirma *crer* nos ensinamentos da Escritura ou ter fé na pessoa de Cristo¹ porque o elemento de confiança é muito proeminente em nosso relacionamento com o Salvador. Mas o cristão, na verdade, afirma algo mais do que simplesmente crer que as afirmações de Cristo são verdadeiras. O cristão também afirma que ele *sabe* que essas afirmações são verdadeiras. O que está envolvido na fé salvadora é mais do que esperança (embora ela esteja

¹ Observe que ter “fé em” uma pessoa envolve crer em certas coisas sobre essa pessoa, e, no caso de Cristo, fé nele inclui particularmente crer que as coisas que ele disse sobre si e sobre todas as outras coisas são verdadeiras. (Mt 7.24, Jo 8.31, cf. Jo 12.48)

presente) e mais do que um comprometimento de vontade (embora ele também esteja presente). Jó afirma confiantemente, “Eu sei que meu Redentor vive” (Jó 19.25). João indicou que sua epístola fora escrita para que aqueles que crêem “em o nome do Filho de Deus” saibam que têm a vida eterna. Paulo declarou que Deus deu várias provas de que Jesus julgará o mundo (At 17.31). Jesus prometeu aos seus discípulos que eles conheceriam a verdade, e que a verdade os libertaria (Jo 8.32).

De que forma saber vai além de crer? Saber inclui ter justificativa ou bom motivo para amparar aquilo em que se crê. Imagine que eu creia que uma dada cidade tem 37 milhas quadradas e imagine, ainda, que, coincidentemente, isso seja verdade – mas imagine também que eu tenha simplesmente chutado essa resposta (em vez de medir, calcular ou verificar um almanaque, etc). Acreditei em algo que se mostrou verdadeiro, mas não diríamos que eu sabia, porque eu não tinha justificativa para aquilo em que creia. Quando afirmamos saber que algo é verdadeiro, estamos, dessa forma, dizendo ter evidência, prova adequada ou bom motivo para isso.

A diferença entre o cristão e o não-cristão não é simplesmente que um acredita na Bíblia e o outro não. As crenças das pessoas podem ser frívolas, sem sentido ou tolas. O cristão também afirma que há justificativa para crer no que a Bíblia diz. O não-cristão diz, ao contrário, que não há justificativa (ou justificativa adequada) para acreditar nas afirmações bíblicas – ou, em casos extremos, diz que há justificativa para não crer na Bíblia. Apologética equívale a uma investigação e a um debate sobre quem está certo nessa questão. Envolve dar razões, apresentar refutações e responder a objeções.

Cosmovisões conflitantes

Qual perspectiva é justificada intelectualmente, a dos cristãos ou a dos não-cristãos? Muitos apologetas cristãos iniciantes abordam a resposta a essa questão de uma maneira bastante simplista e ingênua, pensando que tudo o que temos que fazer é olhar a evidência observável e ver qual hipótese é verificada. “Afim”, pensam, “é assim que resolvemos as discordâncias em nossos assuntos ordinários, bem como na ciência”.² Se surge uma disputa sobre o preço dos ovos em um supermercado, podemos entrar no carro, dirigir até o supermercado e olhar, por nós mesmos, o preço listado nos ovos. Se cientistas discordam sobre a afirmação de que fumar causa câncer, eles podem fazer testes, comparações estatísticas, etc. Nesses casos, parece que o que fazemos, no fundo, é “olhar e ver” se uma hipótese ou seu oposto é

² Essa visão também é imprecisa e ingênua quanto à experiência ordinária e à prática da ciência, mas esse não é o lugar para entrar em uma discussão longa e detalhada da natureza de sujeição a teorias de todo conhecimento humano. Observar que “há uma rosa no jardim” necessariamente pressupõe um número de crenças adicionais que são teóricas e não observacionais em sua natureza.

verdade. Claro, discordâncias como essas podem ser prontamente resolvidas desse modo somente porque duas pessoas que discordam, mesmo assim, concordam entre si sobre hipóteses mais básicas –tais como a confiabilidade de seus sentidos, a uniformidade dos eventos naturais, a precisão da informação dos dados, a honestidade dos pesquisadores, etc.

No entanto, quando se debate sobre assuntos mais fundamentais, como ocorre entre crentes e incrédulos, o simples apelo à necessidade de evidências observáveis não é decisivo. O motivo é que as crenças (ou pressuposições) mais fundamentais de uma pessoa determinam o que ela irá aceitar como evidência e determinam como essa evidência será interpretada. Deixe-me ilustrar. Naturalismo e supernaturalismo são pontos de vista conflitantes quanto ao mundo em que vivemos e ao conhecimento que o homem tem dele. O naturalista afirma que o que é estudado pela ciência empírica³ é tudo o que existe na realidade, e que cada evento pode (em princípio) ser explicado sem recorrer a forças exteriores ao escopo da experiência humana ou exteriores ao universo. O supernaturalismo cristão, por outro lado, acredita que há um Deus transcendente e todo-poderoso que pode intervir no universo e realizar milagres, os quais não podem ser explicados pelos princípios ordinários da experiência natural do homem. Dessa forma, ter relatos confiáveis de um evento miraculoso não é, em si, suficiente para mudar a mente do naturalista — e por boa razão. As pressuposições do naturalista requererão que ele questione se o evento realmente ocorreu ou, alternativamente, o levarão a dizer que o evento está sujeito a uma explicação natural se aprendermos mais sobre ele. A simples evidência não anulará sua abordagem naturalista para todas as coisas — não mais do que uma simples evidência baseada em observação jamais refutaria a convicção hindu de que tudo sobre a experiência temporal do homem é Maya (ilusão). Nossas pressuposições sobre a natureza da realidade e do conhecimento irão controlar o que aceitamos como evidência e como a vemos⁴.

Todos têm o que se pode chamar de cosmovisão, uma perspectiva em termos da qual eles vêem tudo e entendem suas percepções e sentimentos. Uma cosmovisão é uma rede de pressuposições relacionadas em termos da qual cada aspecto do conhecimento e da consciência humana é interpretado. Essa cosmovisão, como explicada acima, não é completamente derivada da

³ *Empírico* é um termo aplicado àquilo que é conhecido por experiência, observação ou percepção sensorial. *Empiricismo*, como escola de pensamento, afirma que todo o conhecimento do homem depende de meios empíricos.

⁴ Perceberíamos isso se prestássemos atenção à história registrada na Bíblia. Os israelitas viram pessoalmente milagres na terra deserta, mas mesmo assim descreeram e desobedeceram a Deus. Os líderes judeus viram Jesus ressuscitar Lázaro da morte e responderam tramando matar Jesus. Eles pagaram os soldados para mentirem sobre a ressurreição do Senhor! O Senhor nos forneceu várias provas empíricas de sua veracidade, mas o modo pelo qual as evidências são tratadas é determinado por crenças e comprometimentos mais fundamentais na vida de uma pessoa. “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos.” (Lc 16.31)

experiência humana, nem pode ser verificada ou refutada pelos procedimentos da ciência natural. Nem todos refletem explicitamente o conteúdo de sua cosmovisão ou são consistentes em mantê-la, mas todos têm uma apesar disso. A cosmovisão de uma pessoa sinaliza para ela a natureza, estrutura e origem da realidade. Diz para ela quais são os limites da possibilidade. Envolve uma visão da natureza, fontes e limites do conhecimento humano. Inclui convicções fundamentais sobre certo e errado. A cosmovisão de uma pessoa diz algo sobre quem é o homem, qual é o seu lugar no universo, qual é o sentido da vida, etc. Cosmovisões determinam nossa aceitação e entendimento dos eventos na experiência humana e, assim, desempenham o papel crucial em nossa interpretação de evidências ou em discussões sobre crenças fundamentais conflitantes⁵.

Vimos acima que apologética envolve argumentação sobre a justificação da crença ou sobre a rejeição da crença. E o que acabamos de observar é que o tratamento que uma pessoa dá à questão da justificação da crença será governado por sua cosmovisão ou pressuposição subjacente. Apologética eficaz necessariamente nos leva a desafiar e debater com o incrédulo no nível de suas suposições ou comprometimentos mais básicos sobre realidade, conhecimento e ética. Nossa abordagem ao defender a fé é superficial e ineficaz se pensarmos que o incrédulo simplesmente não tem informação ou precisa de evidências observacionais⁶.

A Bíblia nos ensina que as perspectivas mentais e espirituais de crentes e incrédulos diferem entre si radicalmente. Em princípio, e de acordo com o que professam, as cosmovisões básicas – as pressuposições básicas – dos cristãos e dos não-cristãos conflitam umas com as outras em todo ponto.⁷ A depravação pecaminosa abrangente do homem não-regenerado toca seu intelecto como nada mais. “O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rm 8.7). A descrição

⁵ Por exemplo, alguém que rejeita a realidade de entidades abstratas (por exemplo, um nominalista, como David Hume) não admitirá a legitimidade de intuição em suas teorias de conhecimento (como Platão fez ao ver o conhecimento como uma *recolecção* de formas e idéias transcendentais). Alguém que pensa que os objetos do conhecimento são discretos e claramente categorizáveis em verdadeiro e falso (novamente, como Hume) terá dificuldade em argumentar significativamente com alguém que pensa na verdade como toda a realidade e em proposições discretas como nada mais do que aproximações (por exemplo, Hegel).

⁶ Claro que há alguns casos em que o que o incrédulo precisa é simplesmente a evidência que está à nossa disposição a favor de certas afirmações na Bíblia. Por exemplo, uma pessoa pode ser tão desorientada pelas vozes hostis e parciais sobre religião que o cercam (da classe escolar à mídia popular) que ela tem a impressão natural de que absolutamente “nenhum ser pensante” vê qualquer credibilidade no criacionismo, na precisão histórica e textual da Bíblia, etc. Sua mente precisa ser limpa de tal conceito errôneo. Ele pode se impressionar ao descobrir que cientistas, historiadores e outros estudiosos muito competentes podem dar evidência cuidadosa em favor das afirmações cristãs sobre ciência ou história. Se isso é tudo o que ele precisa para ler a mensagem da Escritura de forma mais aberta e honesta, ótimo. No entanto, na maioria dos casos, a resistência dos incrédulos à evidência tem mais princípios e é mais tenaz que isso.

⁷ Veremos rapidamente que o incrédulo não vive consistentemente de acordo com seus princípios professos. Em certo grau, isso também é verdade para o crente. Logo, a antítese entre eles não é, na realidade, completa ou absoluta, embora seja em princípio.

de Paulo da mente do incrédulo em Efésios (4.17–19) é nítida. Incrédulos andam na vaidade dos seus próprios pensamentos, com entendimento obscurecido, ignorância e coração endurecido. “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos” (Rm 1.22). Por outro lado, crentes são transformados pela renovação de suas mentes (Rm 12.2, Ef 4.23–24). Agora eles têm a mente de Cristo (1Co 2.16) e trazem todo pensamento cativo a Ele (2Co 10.5) Não causa espanto, portanto, que crentes e incrédulos – com suas cosmovisões e corações conflitantes – não compartilhem uma visão comum de conhecimento, lógica, evidência, linguagem ou verdade. Pilatos arrogantemente perguntou, “O que é a verdade”? (Jo 18.38). Agripa divergiu de Paulo sobre o que é *arível* (At 26.8). O que incrédulos chamam de “saber”, crentes evitam como “pseudo-saber” (1Tm 6.20). Aquilo que crentes chamam de sabedoria, incrédulos chamam de loucura (1Co 1.18-2.5).

Impossibilidade do contrário

Se o modo pelo o qual as pessoas raciocinam e interpretam uma evidência é determinado por suas cosmovisões pressupostas e se a cosmovisão do crente e do incrédulo estão, em princípio, em lados contrários, como pode o desacordo entre eles sobre a justificação das afirmações bíblicas ser resolvido? Pode parecer que qualquer argumentação racional é impossível, já que o apelo à evidência e lógica será controlado pela respectiva cosmovisão conflitante, do crente e do incrédulo. No entanto, não é o caso.

Cosmovisões diferentes podem ser comparadas entre si em termos da importante questão filosófica sobre as *precondições de inteligibilidade* para suposições tão importantes como a universalidade das leis da lógica, a uniformidade da natureza e a realidade dos absolutos morais. Podemos examinar uma cosmovisão e perguntar se sua representação da natureza, do homem, do conhecimento, etc., fornece um panorama no qual lógica, ciência e ética fazem sentido. Não cabe, nas práticas da ciência natural, crer que todos os eventos são aleatórios e imprevisíveis, por exemplo. Não cabe a demanda de honestidade em pesquisa científica se os princípios morais expressam somente preferência ou sentimento pessoal. Além disso, se há alguma contradição interna na cosmovisão da pessoa, ela não provê as precondições para ter sentido na experiência humana. Por exemplo, se os dogmas políticos de uma pessoa respeitam a dignidade dos homens para fazerem suas próprias escolhas, enquanto suas teorias psicológicas rejeitam o livre arbítrio dos homens, então há um defeito interno na cosmovisão dessa pessoa.

A alegação dos cristãos é que todas as cosmovisões não-cristãs são solapadas por contradições internas, assim como por crenças que não tornam a lógica, ciência ou ética inteligíveis. Por outro lado, a cosmovisão cristã

(tirada da revelação que Deus faz de si mesmo na Escritura) demanda nosso comprometimento intelectual porque provê as condições de inteligibilidade para o raciocínio, experiência e dignidade do homem.

Em termos bíblicos, o que o apologeta cristão faz é demonstrar aos incrédulos que, por terem rejeitado a verdade revelada de Deus, eles “se tornaram nulos em seus próprios raciocínios” (Rm 1.21). Por meio de sua perspectiva tola, eles “se opõem” (2Tm 2.25). Seguem uma concepção de conhecimento que não merece o nome (1Tm 6.20). Suas filosofias e pressuposições privam as pessoas de conhecimento (Cl 2.3,8), deixando-as em ignorância (Ef 4.17–18, At 17.23). O propósito do apologeta é destruir seu raciocínio (2Co 10.5) e os desafiar no espírito de Paulo: “Onde está o sábio? Onde, o escriba. Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?” (1Co 1.20).

De várias formas, o argumento fundamental proposto pelo apologeta cristão é que a cosmovisão cristã é verdadeira por causa da impossibilidade do contrário. Quando a perspectiva da revelação de Deus é rejeitada, então o incrédulo é deixado em tola ignorância porque sua filosofia não provê condições de conhecimento e experiência significativas. Dizendo de outra forma: a prova de que o cristianismo é verdadeiro é que, se não fosse, não poderíamos provar nada.

Do que o incrédulo precisa é nada mais do que uma radical mudança de mente – arrependimento (At 17.30). Ele precisa mudar sua cosmovisão fundamental e se submeter à revelação de Deus para que qualquer conhecimento ou experiência tenha sentido. Ao mesmo tempo, precisa se arrepender de sua rebelião espiritual e de seu pecado contra Deus. Por causa da condição de seu coração, ele não pode ver a verdade ou conhecer a Deus de modo salvador.

Auto-engano

Até que o coração do pecador seja regenerado e que sua perspectiva básica seja mudada, ele continuará a resistir o conhecimento de Deus. Como dissemos, dada sua cosmovisão defeituosa e atitude espiritual, o incrédulo não pode justificar conhecimento algum e não pode vir a conhecer a Deus de modo salvador. Isso não significa, no entanto, que incrédulos não tenham conhecimento algum, muito menos que não conheçam a Deus. O que dissemos é que eles não podem justificar o que sabem (em termos de sua cosmovisão incrédula) e não podem conhecer a Deus de modo salvador. A Bíblia indica que os incrédulos conhecem sim a Deus, mas é um conhecimento em condenação, um conhecimento que os capacita a conhecer

coisas sobre si mesmos e sobre o mundo ao redor deles, ainda que suprimam a verdade de Deus, que faz tal conhecimento possível.

De acordo com Romanos 1.18-21, os incrédulos conhecem a Deus em seus corações (v 21). Sem dúvida, o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, de forma que são indesculpáveis por sua descrença professada (vv 19-20). Já que Ele não está longe de nós, mesmo filósofos pagãos não podem escapar de conhecê-Lo (cf. At 17.27-28). O que os incrédulos fazem é deter “a verdade pela injustiça” (Rm 1.18). Eles são culpados por se enganarem. Embora em um sentido neguem sinceramente conhecer a Deus ou serem persuadidos por Sua revelação, estão, contudo, errados nessa negação. De fato, conhecem a Deus, são persuadidos por Sua revelação de si mesmo, e agora estão fazendo o que podem para não ver essa verdade e para não lidar honestamente com seu Criador e Juiz. Racionalização e qualquer número de jogos intelectuais serão usados para convencerem a si mesmos e a outros de que não se deve crer na auto-revelação de Deus. Dessa forma, os incrédulos, que conhecem a Deus genuinamente (em condenação), trabalham duro – mesmo que habitualmente (e, nesse sentido, inconscientemente) – para se enganarem a acreditar que não acreditam em Deus ou nas verdades reveladas sobre Ele.

É o conhecimento de Deus que todos os incrédulos inescapavelmente têm dentro de si mesmos que torna possível eles conhecerem outras coisas sobre eles mesmos ou sobre o mundo. Porque conhecem a Deus, eles podem falar sobre as leis da lógica, a uniformidade da natureza, a dignidade do homem e os absolutos éticos. Conseqüentemente, podem realizar ciência e outros aspectos da vida com certo grau de sucesso – ainda que não possam justificar esse sucesso (não podem prover as condições para a inteligibilidade da lógica, ciência e ética). Por essa razão, cada porção do conhecimento do incrédulo é uma evidência que apóia a verdade da revelação de Deus e uma denúncia a mais contra o incrédulo no dia do julgamento.

A tarefa da apologética é tirar a máscara do incrédulo, mostrar que ele realmente conhece a Deus, mas suprime a verdade em injustiça, e que o conhecimento seria impossível de outra forma. A apologética, dessa forma, vai ao cerne da questão. Desafia o cerne da perspectiva filosófica do incrédulo e confronta o auto-engano que se apossa do seu coração.

Fonte: <http://www.cmfnow.com/articles/pa099.htm>